

Cláudia Santana Martins

Universidade de São Paulo - USP

clam@usp.br

VILÉM FLUSSER: A DIMENSÃO CRÍTICA E DIALÓGICA DA TRADUÇÃO

Vilém Flusser: the critical and dialogical dimension of translation

RESUMO

O filósofo Vilém Flusser é conhecido mundialmente como teórico dos novos meios de comunicação, autor de ensaios pioneiros sobre a sociedade “pós-histórica” ou “telemática”. Entretanto, sobretudo no período em que viveu no Brasil, entre 1940 e 1972, Flusser desenvolveu também interessantes reflexões a respeito da língua e da tradução. A importância que Flusser atribui à tradução pode ser explicada, em grande parte, por sua condição de exilado e poliglota. A sensação de desenraizamento (*Bodenlosigkeit*) permeia toda a sua obra, levando-o a se interessar pelos fenômenos da comunicação humana, a refletir “sobre os abismos que separam os homens e as pontes que atravessam tais abismos”. Vivendo e pensando entre línguas e culturas, Flusser adquiriu uma aguda percepção dos aspectos críticos e dialógicos da tradução, e suas ideias podem contribuir para uma melhor compreensão da sociedade “pós-histórica” em que vivemos.

Palavras-Chave: Vilém Flusser; tradução; pós-história; dialogismo; multiculturalismo.

ABSTRACT

The philosopher Vilém Flusser is known worldwide as a theorist of new media and author of groundbreaking works on “post-historical” or “telematic” society. However, especially in the period when he lived in Brazil, between 1940 and 1972, Flusser also developed interesting reflections on language and translation. The importance Flusser attached to translation can be explained in great measure by his experience as an exile and a polyglot. The sense of being rootless (*Bodenlosigkeit*) permeates all his work, leading him to explore the phenomena of human communication and ponder “on the abysses that separate men and the bridges that span such abysses”. Living and thinking between languages and cultures, Flusser acquired a keen perception of the critical and dialogical aspects of translation, and his views can contribute to a better understanding of the “post-historical” society in which we live.

Keywords: Vilém Flusser; translation; post-history; dialogism; multiculturalism.

Anhanguera Educacional Ltda.

Correspondência/Contato

Alameda Maria Tereza, 2000

Valinhos, São Paulo

CEP 13.278-181

rc.ipade@unianhanguera.edu.br

Coordenação

Instituto de Pesquisas Aplicadas e

Desenvolvimento Educacional - IPADE

Artigo Original

Recebido em: 08/12/2010

Avaliado em: 16/01/2011

Publicação: 6 de abril de 2011

1. INTRODUÇÃO

O filósofo Vilém Flusser é conhecido mundialmente como um teórico dos novos meios de comunicação – seus ensaios sobre a sociedade “pós-histórica”, ou “telemática”, são considerados pioneiros nesse campo. Não obstante, os temas discutidos por Flusser em sua obra são bastante variados, incluindo a língua, a tradução, a arte, os gestos (no aspecto fenomenológico) e o design, apenas para citar alguns.

Ao longo de sua vida, sobretudo no período em que viveu no Brasil, entre 1940 e 1972, Flusser desenvolveu interessantes reflexões a respeito da língua e da tradução. A importância que atribuía à tradução pode ser explicada, em grande parte, por sua condição de exilado e poliglota: “Encontro-me a mim mesmo como um problema de tradução, isto é, como uma multiplicidade de sistemas a serem traduzidos entre si e para um metassistema” (FLUSSER, 1998b, p. 95).

Ao dar à sua “autobiografia filosófica” o título de *Bodenlos* (palavra alemã que significa “sem fundamento”, “sem raízes”, “sem chão”), Flusser revela uma profunda consciência da sensação de desenraizamento que permeia a sua obra. É essa sensação de falta de raízes que o levava a se interessar pelos fenômenos da comunicação humana. Flusser sempre fez questão de afirmar a relação entre tradução e comunicação:

Sinto-me abrigado por, pelo menos, quatro línguas, e isto se reflete no meu trabalho: traduzo e retraduzo constantemente. Eis uma das razões pelas quais me interesso pelos fenômenos da comunicação humana. Reflito sobre os abismos que separam os homens e as pontes que atravessam tais abismos, porque flutuo, eu próprio, por cima deles. De modo que a transcendência das pátrias é minha vivência concreta, meu trabalho cotidiano e o tema das reflexões teóricas às quais me dedico. (*apud* KRAUSE, 1998a, p. 11-12).

Em seu primeiro livro, *Língua e Realidade*, publicado no Brasil em 1963, Flusser defende a idéia de que cada língua é um cosmos diferente, ou seja, a de que nosso pensamento é moldado pela língua. A tradução seria a única possibilidade de se superar a barreira entre as línguas, por meio de um verdadeiro “salto no abismo”.

Flusser desenvolveu um método de reflexão e escrita baseado na autotradução e retradução. Traduzia sistematicamente seus textos nas quatro línguas em que era fluente (alemão, português, inglês e francês), no esforço de ganhar um distanciamento crítico e uma abertura de novas perspectivas para o tema abordado. O método de Flusser permitia que o mesmo assunto fosse analisado e expresso sob diversos ângulos linguísticos, e que diversos ângulos de um mesmo objeto fossem agregados por meio da pluralidade oferecida pelas diferentes línguas. Nas palavras de Rainer Guldin (2002):

Vilém Flusser usou essa técnica como uma estrutura básica de sua prática multilíngue, transformando a impossibilidade da tradução, isto é, a intraduzibilidade fundamental das línguas, na verdadeira pré-condição da sua própria escrita. [...] As discrepâncias

entre as diferentes línguas são transformadas em um momento criativo, e o abismo que se deve atravessar durante a tradução assume um papel completamente novo: torna-se um local de encontro, iniciatório e inspirador, com as potencialidades residentes além das fronteiras da língua.

Os estudiosos da obra de Flusser se deparam com duas grandes fases aparentemente separadas. Na primeira fase, quando ainda vivia no Brasil, Flusser desenvolveu a sua teoria da língua; na segunda fase, após a volta à Europa, a análise dos meios de comunicação e da sociedade pós-histórica. Existem, no entanto, claros vínculos entre essas duas fases. Antes de mais nada, porque a teoria da língua e a teoria da comunicação de Flusser se baseiam em uma mesma teoria do símbolo. Para Flusser, a língua é um sistema de símbolos, e a comunicação é também captada e vivenciada como simbolização (*Sinngebung*):

De certa forma, o problema do símbolo sempre tem ocupado posição central no próprio pensamento. Se o interesse da gente se encaminhou cedo em direção à filosofia da linguagem, foi porque a linguagem foi captada e vivenciada como sistema simbólico, e se, mais tarde, tal interesse foi se ampliando e agora abrange o terreno da comunicação, foi porque a essência da comunicação, a “mediação” está sendo captada e vivenciada como simbolização, isto é, como “*Sinngebung* = dar significado”. (FLUSSER, 2007, p. 154-155, grifos do autor).

Neste artigo, pretendemos discutir, de forma resumida, algumas das confluências entre as duas fases de Flusser e apontar para algumas possibilidades de aplicação da visão de língua e de tradução de Flusser à sua concepção de sociedade pós-histórica.¹ A primeira seção trata do papel da tradução no chamado multiculturalismo; a segunda seção discute a visão flusseriana da tradução como transcendência dos modelos; a terceira seção esboça uma conclusão “pós-utópica”.

2. DIALOGISMO E MULTICULTURALISMO

Desde a juventude, Flusser recebeu a influência do dialogismo de Martin Buber. Flusser “secularizou” e radicalizou as ideias de Buber, insistindo no papel do diálogo na própria criação do “eu”. Em uma de suas primeiras publicações, a série de palestras “Filosofia da Linguagem”, Flusser (1966, p. 172) rejeita a concepção do “eu” como uma entidade singular: “A conversação é um campo no qual me encontro com outros, no clima da realidade. A conversação é o fundamento de meu estar aqui na realidade. Sou, realmente, eu, porque concordo com outros, conversando”.

No ensaio “O futuro da escrita”, redigido entre 1983 e 1984, Flusser já se mostra atento às profundas alterações que a passagem das tecnologias mecânicas para as tecnologias de informação introduziam não apenas em nossa vida cotidiana, mas em

¹ Para uma discussão mais extensa dessas questões, ver Martins, C.S. (2010).

nosso próprio pensamento, provocando o desmoronamento das formas de conhecimento baseadas no pensamento conceptual, racional. Flusser percebe, contudo, que se conserva a noção de *rede*, de *relação*:

Outras categorias terão de ser desenvolvidas, e seus contornos já são discerníveis. O modo racional, causal e definicional de pensar dará lugar a um campo de pensamento que é relacional e probabilístico. Provavelmente nossa linguagem atual não será mais capaz de articular essas categorias. Teremos de nos valer de outros códigos, talvez códigos de computador². (FLUSSER, 2003, p. 53)

Em 1987, Flusser retoma esse tema no artigo “Depois da escrita”, e afirma que todas essas modificações da consciência podem ser sintetizadas pela fórmula: “o mundo não mais será percebido enquanto conjunto ‘objetivo’, mas enquanto tecido relacional em permanente atamento e desatamento dos nós que o constituem”. Cada vez mais, a sociedade e a própria realidade são vivenciadas e captadas como uma *rede de relações sociais*.

Considerando-se as questões levantadas presentemente pela globalização e o chamado multiculturalismo, a percepção de Flusser da vida como “um problema de tradução” revela-se de grande atualidade e importância. Viver entre línguas, etnicidades e culturas é, hoje em dia, uma experiência bastante comum, e a vivência multilíngue se transforma em uma necessidade. Como lidar com tantas narrativas, identidades, experiências e línguas diferentes?

Rajagopalan (1998, p. 40-42) observa que “A identidade individual como algo total e estável não tem nenhuma utilidade prática num mundo marcado pela crescente migração de massas e pela entremesclagem cultural, religiosa e étnica, numa escala sem precedentes”. Em uma formulação que se aplica muito bem tanto à teoria quanto à vivência flusseriana da tradução, Rajagopalan propõe que a construção da identidade só pode ocorrer “na língua e através dela”, o que implica que a própria língua é uma atividade em transformação. “Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso significa que as identidades em questão estão sempre num estado de fluxo.”

Stuart Hall (2002, p. 88, grifos do autor), por sua vez, verifica que

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em *transição*, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais, e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado.

² “Other categories will have to be worked out, and their contours are already discernible. The rational, causal, and definitional way of thinking will yield to a thought field that is relational and probabilistic. In all likelihood our current language will no longer be able to articulate these categories. We will have to avail ourselves of other codes, perhaps computer codes.” (Tradução nossa, a partir da tradução do alemão para o inglês de Kenneth Kronenberg.)

À “Tradição”, que engloba os esforços para recuperar a unidade, a certeza e a “pureza” perdidas, Hall contrapõe a “Tradução” como entendida por Kevin Robins e Homi Bhabha, como a aceitação de que as identidades estão sujeitas às mudanças da história, da política, da representação. Quando Hall (2002, p. 87-89) diz que a identidade na globalização poderia parecer fadada a terminar por um retorno às raízes ou pela assimilação e homogeneização, ele ecoa as preocupações de Flusser, que rejeita tanto o retorno às raízes quanto a assimilação e homogeneização. Flusser via no processo de criação de informações novas por meio do diálogo o antídoto para a homogeneização e a massificação; Hall, por sua vez, vislumbra na “Tradução” e nos “homens traduzidos”, que “devem aprender a habitar no mínimo duas identidades”, uma outra possibilidade de futuro, potencialmente mais criativa.

Talvez seja possível aproximar o dialogismo de Flusser da busca que pensadores como Homi Bhabha (1990) e Edward Soja (1996) empreendem por um “Terceiro Espaço” de articulação entre o Eu e o Outro, o nativo e o estrangeiro, o global e o local – um espaço que não se caracterize nem pelo multiculturalismo globalizante simplificador, que neutraliza diferenças e promove um suposto consenso enquanto aniquila culturas ditas minoritárias, nem pelo localismo chauvinista tão combatido por Flusser.

Em um interessante artigo sobre Flusser, Christopher Larkosh (2008, p. 6) destaca exatamente a questão das interpenetrações culturais:

Nesse prisma transcultural disperso de regiões globais de fronteiras muitas vezes contrastantes, pode-se vir a entender que talvez o perigo mais sério para a diversidade cultural seja a percepção limitada de que exista uma única fronteira principal no horizonte, ou de que uma pessoa esteja sempre de um lado dela ou de outro.³

Flusser se referiu a essa questão em *Bodenlos* (p. 68):

Uma vez transcendida a própria cultura (isto é, na situação da falta de fundamento), a gente passa a pairar por cima de um conjunto complexo de várias culturas, e a gente se vê a si própria assim pairando. Isto implica problemas de várias ordens. Por exemplo: a gente vê interpenetrações culturais, e abismos entre culturas, e a gente vê os vários dinamismos que fazem com que culturas se interpenetrem, se distanciem e se entredevorem.

Nesse universo dinâmico, de relações complexas entre línguas e culturas, a tradução se torna, para Flusser, o antídoto ao aparelho, ao autoritarismo baseado na exclusão do outro. Nas palavras de Seligmann-Silva (2009, p. 157), Flusser “cultiva a plurilíngua como resposta ao choque da monolíngua exterminacionista”. A resposta de Flusser ao mundo aparelhado, fascista, é o diálogo, o transitar entre diferentes modelos, o nomadismo no sentido mais amplo: ele era um nômade transitando entre diferentes

³ “In this dispersed transcultural prism of often contrasting global border regions, one might come to the realization that perhaps the most serious danger to cultural diversity is the limited perception that only a single, primary border lies on the horizon, or that one is always on one side of it or the other.” (Tradução nossa.)

países, línguas, culturas, modelos de pensamento. A visão de Flusser da vida como tradução, da vida entre múltiplas línguas, pode nos auxiliar a compreender melhor as complexidades do mundo atual. Pode nos ajudar a nos orientarmos melhor dentro dele, traçando cartografias alternativas, mais adequadas aos diversos contrastes e sobreposições.

3. A TRADUÇÃO COMO TRANSCENDÊNCIA DE MODELOS

Em “Da tradução”, um artigo publicado na revista *Cadernos Brasileiros*, Flusser (1968, p. 74) observa que os problemas linguísticos ocupam um lugar central no pensamento filosófico atual, a tal ponto que é isso o que caracteriza, de certo modo, a nossa época. Esse lugar de destaque que a língua ocupa na filosofia atual se deve ao fato de que “é na forma da língua que intuimos o nosso mundo, é na forma da língua que lhe damos significado, e a língua é o modelo dentro do qual agimos sobre o mundo”. Trata-se de uma formulação condensada das ideias desenvolvidas por Flusser em *Língua e realidade* (1963), mas que enfatiza a ligação entre “língua” e “modelo”. A existência de diversas línguas implica que “o nosso pensamento se mostra de diversas formas. Intuímos o mundo de diversas formas. O mundo tem para nós diversas formas do significado. Agimos sobre o mundo a partir de diversos modelos” (FLUSSER, 1968, p. 76).

Esse fato, aparentemente óbvio, só veio a ser percebido no contexto da atual filosofia. Toda a filosofia clássica se apegava à ideia de “*uma razão humana*” e “*uma realidade*”. Esperava-se que todos os homens pensassem da mesma forma. Entre todas as religiões, haveria *uma verdadeira*, entre todas as culturas *uma universal*, entre todos os conhecimentos *um definitivo*, entre todos os valores *um supremo*.

O preconceito monístico perdurava, a despeito da evidência óbvia contrária, porque é sumamente incômodo abandoná-lo. Se admito a diversidade das formas do pensamento, a diversidade das intuições e dos modelos, e se lhes admito a equivalência, estou admitindo que, de certa maneira, as diferenças entre mim e meus semelhantes são insuperáveis. Não estou admitindo, (notem bem), que nenhuma religião é verdadeira, mas que todas podem ser verdadeiras no seu contexto. Não que nenhuma cultura é universal, mas que todas têm a aspiração justificada para a universalidade. Não que nenhum conhecimento é válido, mas que todo tipo de conhecimento tem a sua validade dentro do seu modelo. Não que não há valor, mas que todos os valores valem para as suas respectivas estruturas. (FLUSSER, 1968, p. 76-77).

Flusser (1968, p. 78) indaga como é possível termos consciência de que estamos presos a um modelo, e afirma que

A admissão da diversidade e equivalência das línguas se dá, de certa maneira, no além de todas as línguas. Dá-se naquele terreno entre as línguas e no além das línguas que o termo **tradução** significa. O problema da tradução é pois o problema da transcendência, do abandono da prisão, do estar no além de todos os modelos. Em outras palavras: é o problema da liberdade. (Negrito do autor.)

A tradução é, portanto, a transcendência dos modelos da realidade. Essa transcendência não é absoluta; ela é limitada, de certa forma, pela língua materna:

Sou prisioneiro de um modelo da realidade, (de uma língua). O modelo impõe sobre mim as formas da minha intuição, as categorias do meu conhecimento, os meus valores, e modela as minhas ações e meus sofrimentos. Mas, pela tradução, posso transcender o meu modelo e contemplá-lo de fora. A possibilidade da tradução é minha liberdade. A limitação da possibilidade de tradução é meu condicionamento. Sou livre na medida em que posso traduzir, e determinado na medida na qual não posso fazê-lo. Na tradução estou no além de vários modelos, e posso escolher entre eles: estou livre. Mas na tradução estou dentro de um modelo, (embora mais amplo), e posso escolher apenas entre um número limitado de modelos: estou determinado. (FLUSSER, 1968, p. 79-80).

A partir da transcendência limitada proporcionada pela tradução, é possível voltar ao modelo inicial e atuar sobre ele, modificar-lhe a estrutura. Pela tradução, a língua continua sendo um cárcere, mas um cárcere maleável, que pode ser modificado. As modificações que introduzimos em nosso cárcere são testemunhos de nossa passagem por ele, e permitem uma forma de imortalidade, na medida em que nos habilitam a participar das “conversações futuras”. (FLUSSER, 1968, p. 80-81).

Flusser (1968, p. 81) conclui o artigo sintetizando, de forma lapidar, a sua visão sobre a importância histórica, ontológica e epistemológica da tradução:

Em resumo: esta é a razão por que a contemplação da tradução caracteriza a época na qual nos encontramos: Evidencia a problematidade da realidade, realça a relatividade de todos os modelos que procuram captá-la, torna esses modelos transparentes, e define a liberdade como escolha entre modelos tornados transparentes.

3.1. “Pontífices urgem”

O problema da transcendência de modelos como ligado à tradução é novamente focado por Flusser mais de vinte anos depois, no ensaio “Pontificar”, publicado no Brasil pela EDUSP, na coletânea de ensaios *Ficções Filosóficas*, em 1998, com uma nota de rodapé assinalando tratar-se de artigo inédito, escrito em janeiro de 1990. Seria, portanto, um texto da última fase de Flusser. Nesse ensaio, Flusser trata do conceito de tradução de uma forma bastante ampla, abarcando tanto a tradução propriamente dita quanto a tradução intersemiótica, na classificação de Jakobson (1964).

Flusser inicia o ensaio perguntando com que direito traduzimos *há* por *there is*, ou *il y a*, ou *es gibt*, e onde estamos ao fazê-lo. Ele admite que existem intersecções entre as línguas, mas reafirma que seus diversos núcleos são separados entre si por abismos. O que autoriza os saltos?

Trata-se de uma pergunta crucial no mundo atual, em que estamos enfrentando o problema da acentuada especialização de cada ramo científico. O modelo newtoniano, unificado, que fornecia a explicação para o nosso mundo até o século XIX, dissolveu-se, dando origem a três universos distintos:

[...] o *universo do grande*, no qual valem as regras do discurso einsteiniano e no qual passeiam os astronautas; o *universo do médio*, no qual continuam valendo as regras newtonianas e no qual nascemos e morremos; e o *universo do pequeno*, no qual valem as regras do discurso planckiano e no qual explodem usinas nucleares. (FLUSSER, 1998b, p. 198, grifos do autor)

Os conceitos pertencentes a cada um desses universos são dificilmente traduzíveis nos demais. E esse exemplo é apenas um entre muitos a ilustrar os abismos criados pela especialização dos conhecimentos: há abismos entre o discurso verbal e o imagético, entre os algoritmos das teorias científicas (ou mesmo as composições musicais) e as línguas “nacionais”, e assim por diante. A tradução, diz Flusser (1998b, p. 197), “está voltando a ser problema epistemológico e existencial de primeira grandeza”. Os tradutores, definidos por Flusser como “pontífices”, ou seja, “construtores de pontes”, são especialistas em dar “saltos entre abismos”.

Flusser discute, então, a possibilidade de construção de aparelhos que traduzam automaticamente imagens em palavras – como os *electronic intermixes*, que “transcodificam imagens em sons e vice-versa”, ou “inteligências artificiais” que traduzam objetos em algoritmos (por exemplo, uma mesa transcodificada em algoritmos da teoria da relatividade). O problema é: onde, em que universo, se localizariam esses aparelhos? A resposta de que esses aparelhos se situariam em um “meta-universo que abrange todos os universos” não é satisfatória, o que Flusser justifica com base em sua concepção de língua e tradução. Não é possível, antes de mais nada, porque “todo universo a partir do qual traduzo é meta-universo daquele para o qual traduzo: se traduzo *há* por *there is*, o universo português é meta-universo do inglês, inclui tal universo (prova do imperialismo de todos os universos)”. Flusser (1963, p. 138) já o havia dito em seu primeiro livro, *Língua e realidade*: “Cada língua inclui em seu mundo todas as demais línguas pelo método da tradução”. A segunda razão pela qual os “aparelhos-pontífices” não poderiam se situar em um meta-universo que abrangesse todos os universos é que “tal meta-universo deveria ser composto por situações do tipo *há* implica *there is*, implica *il y a*, implica *es gibt* e vice-versa”. Não seria, portanto, um universo “discursivo” e, assim, não serviria para aparelhos discursivos.

Outro tipo de pontífice se faz necessário. Mas “como pontificar, quando a relação entre universos é tão confusa?”, pergunta Flusser. Desistir não é uma opção, porque “pensar e traduzir são sinônimos”. Portanto, observa Flusser (1998b, p. 200) em seu estilo poético e paradoxal, “embora pontificar seja talvez impossível, é imprescindível”.

Flusser resolve a aporia citando a máxima escolar, de que traduções devem ser “tão fiéis quanto possível e tão livres quanto necessário”. A competência de cada língua limita a fidelidade (a “fé”) e impõe liberdade. É isso o que permite a Flusser (1998b, p.

200) especificar “o lugar ôntico dos pontífices do futuro”: eles estarão sentados “no extremo limite da fé, lá onde liberdade e necessidade se coimplicam”. Em outras palavras, os futuros pontífices estarão sentados no limite entre a ordem e o caos.

Flusser (1998b, p. 200) conclui o ensaio referindo-se ao mistério do “sacro”, que muitas ideologias associam à língua. O cabalismo judaico, em especial, considera que o exílio do espírito (*galut lechekhiná*) é dispersão de palavras. Atualmente, como “somos obrigatoriamente políglotas, o ‘sacro’ está no abismo entre as palavras. Naquele silêncio gritante que nos chama para o pontificado. [...] Pontífices urgem”.

4. CONCLUSÃO

Pairando por sobre línguas e modelos, Flusser vê o mundo de um não lugar privilegiado, uma espécie de Aleph borgiano, um ponto focal que só existe por ser a junção de todas as redes que passam por ele e que constituem o seu “eu”. Utopicamente, Flusser projeta um mundo em que todos sejam *Bodenlos* e parem, como ele, por sobre as línguas e os modelos.

Em um de seus últimos trabalhos, publicado após a morte de Flusser, Haroldo de Campos, reconhecendo que vivemos hoje um momento de perda da perspectiva utópica e do sentido dos movimentos de vanguarda, ressaltava a substituição dos projetos utópicos totalizadores por uma “pluralização de poéticas possíveis”:

Frente à pretensão monológica da palavra única e da última palavra, frente ao absolutismo de um “interpretante final” que estanque a “semiose infinita” dos processos sógnicos e se hipostasie no porvir messiânico, o presente não conhece senão sínteses provisórias, e o único resíduo utópico que nele pode e deve permanecer é a dimensão crítica e dialógica que inere à utopia. (CAMPOS, H., 1997, p. 269).

Nesse momento pós-utópico, a tradução tornou-se “um dispositivo crítico indispensável”. Campos (1997, p. 269) lembra o *Jetztzeit*, ou “agoridade”, de Walter Benjamin, ao afirmar que “A tradução – vista como prática de leitura reflexiva da tradição – permite recombinação a pluralidade dos passados possíveis e presentificá-la, como diferença, na unicidade *hic et nunc* do poema pós-utópico”.

Na pós-história visualizada por Flusser (2010, p. 164), as imagens produzidas pelos códigos digitais estão simultaneamente presentes em todos os lugares e podem ser ativadas e se tornar presentes a qualquer momento, mesmo “em um futuro longínquo inimaginável”. O mundo não é mais vivenciado enquanto sequência linear de eventos, mas como contexto de realizações de virtualidades. Em decorrência, experimentamos uma inversão da passagem do tempo, que não mais transcorre do passado para o futuro, mas sim do futuro ao encontro do presente. Essa visão de um futuro que “vira um leque

multidimensional de possibilidades que se abrem para fora, no impossível, e se realiza para dentro, como imagem presente” e de um espaço que “nada mais é do que a topologia desse leque”, difere do *Jetztzeit* benjaminiano, mas sem dúvida é semelhante em sua quebra radical e vertiginosa do “*continuum* da história” em fragmentos múltiplos que se oferecem para a nossa livre combinação.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. The third space. Interview with Homi Bhabha. In: RUTHERFORD, Jonathan (Ed.). **Identity: community, culture, difference**. London: Lawrence and Wishart, 1990, p. 207-221.
- CAMPOS, Haroldo. **O arco-íris branco**. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- FLUSSER, Vilém. **Língua e realidade**. São Paulo: Herder, 1963.
- _____. Filosofia da linguagem. In: **ITA-Humanidades**, n. 2, p. 133-210, 1966.
- _____. Da tradução. In: **Cadernos Brasileiros**, X (5/49), p. 74-81, out. 1968.
- _____. **Depois da escrita**. 1987. Disponível em: <<http://www.dubitoergosum.xpg.com.br/a223.htm>>. Acesso em: 31 jan. 2010.
- _____. **Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998a.
- _____. **Ficções filosóficas**. São Paulo: EDUSP, 1998b.
- _____. **The Freedom of the Migrant: Objections to Nationalism**. Edited by Anke Finger. Translated by Kenneth Kronenberg, Champaign: University of Illinois Press, 2003.
- _____. **Bodenlos: uma autobiografia filosófica**. São Paulo: Annablume, 2007.
- _____. **A escrita: há futuro para a escrita?** Tradução de Murilo Jardelino da Costa. São Paulo: Annablume, 2010.
- GULDIN, Rainer. Traduzir-se e retraduzir-se: a prática da escrita de Vilém Flusser. Tradução de Gustavo Bernardo e Gisele de Carvalho. In: KRAUSE, Gustavo Bernardo. **As margens da tradução**. Rio de Janeiro: Caetés, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.
- JAKOBSON, Roman. Aspects linguistiques de la traduction. In: **Essais de linguistique générale**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964, p. 78-86.
- KRAUSE, Gustavo Bernardo. A *époqhé* brasileira. Prefácio a FLUSSER, V. **Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998a, p. 7-29.
- LARKOSH, Christopher. Translating multilingual life. **Flusser Studies**, v. 7, nov. 2008. Disponível em: <<http://www.flusserstudies.net/pag/07/larkosh-translating-multilingual-life.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2010.
- MARTINS, Cláudia Santana. **Vilém Flusser: a tradução na sociedade pós-histórica**. 2010. Dissertação (Mestrado) – FFLCH, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? Tradução de Almiro Pisetta. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Construir pontes para fora da Heimat: Vilém Flusser e as marcas de seu exílio”. In: ALMEIDA, S.; CURY, M.; WALTY, I. (Orgs.). **Mobilidades culturais: agentes e processos**. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009, p. 155-173.

SOJA, Edward. **Thirdspace**: journeys to Los Angeles and other real-and-imagined places. Cambridge: Blackwell, 1996.

Cláudia Santana Martins

Doutoranda e Mestra em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Bacharel em Letras pela FFLCH-USP, com habilitação em francês. Especialização *lato-sensu* em tradução (inglês-português) pelo Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia da FFLCH-USP. Tradutora de inglês e francês, com vasta experiência no mercado editorial.